SALA ABERTA

Transforme sua turma

GILBERTO PENHA DE ANDRADE

SALA ABERTA

Transforme sua turma

GILBERTO PENHA DE ANDRADE

Todos os direitos reservados. 2025

Dedicatória

Dedico este livro aos professores que enfrentam os desafios da indisciplina e buscam alívio em meio às adversidades do dia a dia. Que ele seja uma fonte de inspiração, encorajamento e estratégias práticas para transformar dificuldades em oportunidades de crescimento. A vocês, que nunca desistem de acreditar no potencial de cada aluno, este livro é uma homenagem ao compromisso incansável de educar com paciência, criatividade e resiliência.

Agradecimentos

Agradeço aos professores que me inspiram, à minha esposa pelo amor e apoio incondicional, aos meus filhos por sua alegria contagiante e aos amigos que estiveram comigo nessa jornada. Sem vocês, nada disso seria possível.

Epígrafe

““A única pessoa que é educada é aquela que aprendeu a aprender e a mudar.”

— Carl Rogers

PREFÁCIO

Conheço Gilberto Penha há alguns anos e sempre admirei sua dedicação e habilidade em transformar a sala de aula em um espaço de aprendizado, diálogo e corresponsabilidade. Tive a honra de dividir a gestão da mesma sala em duas ocasiões, o que me permitiu vivenciar de perto sua visão inovadora e seu compromisso com o pensamento estratégico.

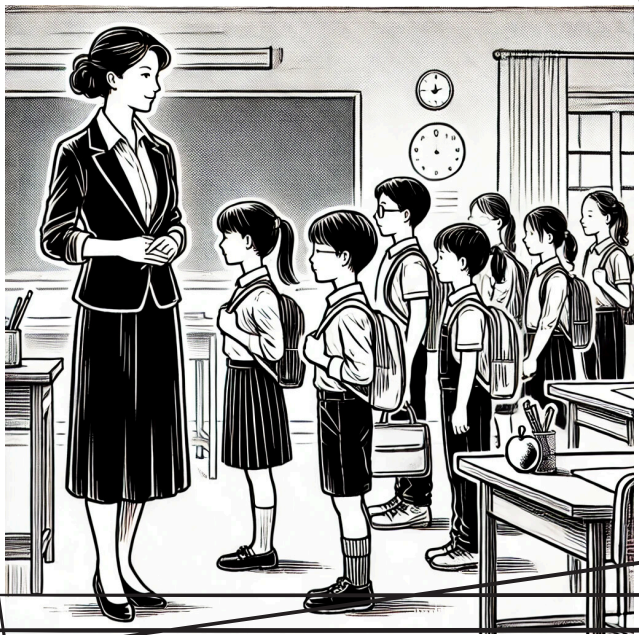
Recomendo este livro a todos os professores que enfrentam desafios na gestão de sala de aula. Sala Aberta oferece reflexões e estratégias práticas para transformar dificuldades em oportunidades, promovendo ambientes inclusivos e colaborativos. Tenho certeza de que as ideias de Gilberto Penha serão inspiradoras e úteis para repensar práticas pedagógicas e alcançar uma gestão mais eficiente.

Professora Alexsandra Vaz Braga Cordeiro

Licenciada em Normal Superior com complementação em Pedagogia. Pós-graduada em Educação Infantil, Atendimento Educacional Especializado (AEE), Alfabetização e Letramento, Ensino Religioso e Gestão do Trabalho Pedagógico

Sobre o autor

Gilberto Penha de Andrade é professor efetivo nas prefeituras de Ipatinga e Coronel Fabriciano, em Minas Gerais. Licenciado em Pedagogia pela Uniube, possui especializações em Educação Inclusiva, Neuropsicopedagogia e Gestão de Políticas Públicas. Desde 2017, desenvolve o método "Sala Aberta", focado no domínio de turma de forma humanizada. Criador do canal "Contos de Jamarao", transformou suas histórias em 14 eBooks infantis na Amazon, incentivando a leitura e promovendo ambientes escolares mais inclusivos e eficazes.



Índice

Introdução 9
Capítulo 1: O Contexto Escolar e os Desafios da Indisciplina 11
Capítulo 2: O Método Sala Aberta: Fundamentos 16
Capítulo 3: Estratégias Práticas de Gestão de Turma 20
Capítulo 4: Resultados e Depoimentos 27
Capítulo 5: Implementando o Sala Aberta: Passo a Passo 31
Capítulo 6: Consolidando Resultados e Sustentando o Método 36
Conclusão 39
Referência Bibliográfica 40

Introdução

A indisciplina em sala de aula é um dos maiores desafios enfrentados pelos professores, especialmente nas séries iniciais. Segundo Libâneo (2004), a gestão da sala de aula vai além da autoridade, exigindo estratégias que promovam respeito mútuo e cooperação. Este desafio, intensificado por mudanças sociais e pela fragilidade das instituições, revela que lidar com a indisciplina requer mais do que soluções punitivas: é necessário adotar práticas baseadas no diálogo e na compreensão.

Fernandes (2017), ao discutir a "ilusão do domínio de turma", enfatiza que o controle total sobre os alunos é um ideal irreal e alimentado por expectativas institucionais que limitam a autonomia do educador.

Com base na prática pedagógica, elaborei uma metodologia que transforma a sala de aula em um espaço de respeito e colaboração, onde os alunos são tratados como sujeitos ativos no processo educacional.

Essa proposta nasce da necessidade de abordar turmas consideradas "difíceis" sem recorrer a medidas coercitivas, mas investindo na construção de vínculos e na valorização das relações humanas. Como destacado por Freire (1996), o diálogo é central para a emancipação dos sujeitos e para a construção colaborativa do conhecimento.

Na prática, a aplicação desse método revelou que comportamentos desafiadores frequentemente refletem sentimentos de desvalorização ou invisibilidade dos alunos. Ao abrir espaço para suas vozes, permitindo críticas e sugestões, percebi mudanças significativas no comportamento e na interação em sala de aula.

Essa abordagem rompe com o controle autoritário tradicional, promovendo um ambiente de convivência mais harmonioso, como sugerem Fernandes (2017) e Perrenoud (1999), que destacam a necessidade de o professor compreender fatores externos que influenciam os alunos e adaptar suas práticas pedagógicas.

Além disso, é fundamental refletir sobre o papel das expectativas institucionais e sociais que perpetuam a ideia de que o professor deve "dominar" tanto os alunos quanto o conteúdo. Fernandes (2017) argumenta que essa ilusão de domínio muitas vezes reduz o professor e o aluno a meros repetidores do discurso pedagógico, anulando a criatividade e a autonomia.

Ao abrir espaço para a participação ativa dos alunos, não só tornamos a sala de aula mais inclusiva, como também rompemos com a lógica de controle que inibe a autoria e a colaboração.

O objetivo deste manual é fornecer aos professores um guia prático para aplicar essa estratégia, ajudando-os a lidar com a indisciplina de maneira humanizada e eficiente. Não se trata de uma solução mágica, mas de uma abordagem fundamentada na prática e na teoria, que pode ser adaptada às diferentes realidades escolares.

Capítulo 1

O Contexto Escolar e os Desafios da Indisciplina

No cenário educacional contemporâneo, a indisciplina é amplamente reconhecida como um dos desafios mais complexos enfrentados pelos professores. A professora Patrícia Bartolomeu Gomes, em sua dissertação, enfatiza que a indisciplina não deve ser tratada como um problema isolado, mas como resultado de interações entre fatores sociais, emocionais e institucionais. Segundo a autora, "todas estas circunstâncias entrelaçam-se, surgindo atitudes de indisciplina em que os intervenientes se culpam uns aos outros sem encontrarem uma solução para o bem-estar de todos" (GOMES, 2020, p. 18).

Essa perspectiva destaca a importância de compreender o contexto em que os alunos estão inseridos, suas vivências familiares e as dinâmicas escolares que moldam seu comportamento. Além disso, Gomes (2020) observa que a maneira como os professores percebem e respondem à indisciplina é influenciada por características individuais, como idade e experiência, além de fatores externos, como a coesão nas comunidades escolares.

Fernandes (2017) complementa essa visão ao destacar que a indisciplina, muitas vezes, é reflexo de uma desconexão entre as expectativas institucionais e a realidade vivida nas salas de aula. Ela argumenta que o conceito de "domínio de turma" é uma construção ilusória, que impõe aos professores um ideal de controle total e negligencia a necessidade de construir relações baseadas na colaboração e no respeito mútuo.

Durante meu primeiro ano como professor efetivo, enfrentei situações que corroboram as análises de Gomes e Fernandes. Era comum lidar com alunos que desafiavam ativamente a autoridade docente, criando um ambiente de tensão e hostilidade. Nesse contexto, percebi que a simples imposição de regras era insuficiente para promover mudanças significativas no comportamento.

O desafio não estava apenas em ter autoridade, mas em entender as dinâmicas que geravam a indisciplina. A simples imposição de uma figura autoritária não era a solução, e foi a partir dessa percepção que busquei alternativas mais eficazes para o gerenciamento da sala.

A prática me levou a adotar uma abordagem mais estratégica, focada em identificar as lideranças negativas dentro das turmas e intervir de forma a desarticular essas dinâmicas prejudiciais.

Quando olhamos para as palavras de Gomes (2020), que afirma que a indisciplina pode ser transformada em uma oportunidade de reflexão,

A ideia de que tanto professores quanto alunos podem aprender com essas situações é um princípio que guia minha prática pedagógica.

Esse processo de reflexão foi reforçado pelas ideias de Libâneo (2004), que destaca que a gestão da sala de aula exige mais do que o simples uso de autoridade. Ele sugere que, para lidar com a indisciplina de maneira eficaz, é essencial compreender a complexidade do contexto em que essa indisciplina ocorre, levando em conta fatores emocionais, familiares e até mesmo institucionais que podem influenciar o comportamento dos alunos.

Em minha experiência, ficou claro que muitos alunos, frequentemente rotulados como "indisciplinados", tinham histórias de vida carregadas de dificuldades, traumas e contextos desafiadores que afetavam seu comportamento em sala de aula.

Isso se conecta diretamente com a teoria de Tiba (2002), que enfatiza a importância de compreender as causas subjacentes do comportamento inadequado, em vez de apenas reagir aos sintomas visíveis.

A partir dessa percepção, passei a adotar uma abordagem mais empática, buscando entender os alunos além de suas atitudes superficiais. Quando conseguimos abrir um espaço para que eles compartilhem suas preocupações e participem da criação de regras e dinâmicas, percebi que eles se sentem mais valorizados e mais inclinados a demonstrar respeito pelo ambiente escolar.

Ao longo do tempo, ficou evidente que a indisciplina não é apenas um obstáculo, mas também uma oportunidade de transformação, como afirmado por Gomes (2020). Essa transformação exige paciência, estratégia e, especialmente, a colaboração da comunidade escolar. Quando as estratégias incluem a construção de vínculos e um ambiente de diálogo, conseguimos promover uma convivência mais harmoniosa e um aprendizado mais eficaz, permitindo que os alunos não apenas respeitem, mas também se sintam parte ativa do processo educacional. Assim, as teorias de Libâneo, Tiba e Gomes se tornam a base sólida que sustenta a prática pedagógica que, com o tempo, se torna mais inclusiva e eficaz, tanto para o professor quanto para o aluno.

Libâneo (2004) afirma que a participação dos estudantes na elaboração das normas é uma forma de promover a autonomia e a responsabilidade. Ao envolver os alunos no processo de criação das regras, eles passam a compreender que essas normas não são impostas de forma autoritária, mas construídas coletivamente, o que aumenta o senso de pertencimento e compromisso. Contudo, implementar essa abordagem em turmas com dinâmicas complexas exige enfrentar desafios significativos.

No entanto, desarticular lideranças negativas não é um processo simples. Requer paciência, estratégia e, principalmente, empatia. Muitas vezes, é preciso ir além da simples aplicação de normas, criando vínculos com os alunos que apresentam comportamentos desafiadores. Entender suas motivações, ouvir suas perspectivas e demonstrar que há espaço para mudança são passos fundamentais. Segundo Boechat (2015), a construção de vínculos afetivos é um dos pilares para transformar o ambiente escolar, possibilitando não apenas a gestão da indisciplina, mas também a criação de uma convivência mais harmônica e colaborativa.

a dos alunos, mostra interesse genuíno por suas histórias e dificuldades, ele consegue influenciar positivamente o comportamento da turma.

Por fim, a experiência prática mostrou que a gestão da indisciplina não deve ser vista como uma tarefa impossível. Com estratégias bem definidas, apoio da comunidade escolar e diálogo constante, é possível transformar turmas consideradas "problemáticas" em ambientes de aprendizado saudável e produtivo.

O método "Sala Aberta" é um exemplo de que, com paciência, planejamento e humanização, a indisciplina pode ser minimizada, promovendo um ambiente mais harmonioso e colaborativo.Portanto, neste capítulo, discutimos que a indisciplina vai além do comportamento disruptivo e que é preciso compreender suas causas e dinâmicas. O professor, como mediador, tem um papel crucial nesse processo. Como destaca Fernandes (2017), o enfrentamento da indisciplina exige ir além da aplicação de normas rígidas, reconhecendo a complexidade das relações e promovendo estratégias que fomentem a colaboração e o respeito mútuo. Além disso, Gomes (2020) reforça que a compreensão do contexto em que os alunos estão inseridos, aliada à construção de vínculos afetivos, é essencial para transformar os desafios da sala de aula em oportunidades de aprendizado e convivência.

Capítulo 2
O Método Sala Aberta: “Fundamentos”

A gestão da indisciplina nas escolas é um dos maiores desafios enfrentados por professores, especialmente em turmas consideradas "problemáticas". A abordagem proposta surge como uma resposta prática e humanizada a esse desafio, propondo estratégias que vão além das punições tradicionais e promovem o diálogo, a empatia e a responsabilidade coletiva. A ideia central é mostrar que, com paciência, planejamento e humanização, é possível transformar a sala de aula em um espaço colaborativo e produtivo, onde todos se sintam valorizados e corresponsáveis pelo ambiente.

Outro ponto importante é o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos alunos. Ao participarem das reuniões de avaliação e assumirem responsabilidades dentro da sala, os estudantes desenvolvem competências essenciais para a vida em sociedade, como empatia, comunicação, cooperação e resolução de conflitos. Conforme argumenta Goleman (1995), essas habilidades são tão importantes quanto as competências cognitivas para o sucesso escolar e profissional. Além disso, incentivar o protagonismo estudantil é fundamental. Quando os alunos se tornam parte ativa da gestão da sala, sentem-se mais responsáveis pelo ambiente e pelo comportamento coletivo. Perrenoud (1999) defende que o protagonismo dos estudantes é essencial para construir uma escola democrática e inclusiva, onde todos os alunos se sintam valorizados e ouvidos.

No entanto, o processo de implantação dessa abordagem exige paciência e consistência. Não é possível transformar o ambiente escolar de um dia para o outro. É necessário que o professor esteja comprometido com o processo e disposto a ouvir seus alunos. Freire (1996) ressalta que a educação é um processo contínuo de construção e reconstrução, e essa metodologia segue essa premissa.

Outro aspecto relevante é o fortalecimento da parceria com as famílias. Muitos comportamentos indisciplinados têm origem em questões familiares. Por isso, é crucial que o professor estabeleça um canal de comunicação com os responsáveis pelos alunos, buscando entender o contexto em que vivem e oferecendo suporte quando necessário. Segundo Libâneo (2004), a escola não pode atuar isoladamente; é preciso envolver toda a comunidade escolar para garantir o sucesso do processo educativo.

Os Três Eixos da Sala Aberta

A metodologia apresentada é estruturada em três eixos principais que se complementam e fortalecem o ambiente escolar:

O primeiro eixo- A escuta ativa.

Ela promove o diálogo e a comunicação entre professores e alunos. Reuniões mensais oferecem um espaço seguro para que os estudantes possam se expressar anonimamente, enviando bilhetes com críticas, sugestões ou desabafos. Muitas vezes, esses bilhetes revelam situações ocultas, como bullying, ameaças, sentimentos de inferioridade ou até pensamentos de desistência da vida. Adriana da Silva (2012) destaca que essa prática de diálogo é essencial para criar um ambiente de confiança e respeito, ao mesmo tempo em que possibilita intervenções pedagógicas assertivas.

O segundo eixo- Fortalecimento da liderança estudantil

,Isso permite que os alunos assumam papéis de liderança dentro da sala, como presidentes e vice-presidentes eleitos pela turma. Esses líderes auxiliam os professores na organização e na motivação da turma. No entanto, como aponta Perrenoud (1999), é necessário orientar os alunos sobre a importância de lideranças positivas. Há casos em que líderes negativos são escolhidos, e nesses momentos o professor deve intervir pedagogicamente, mostrando à turma as consequências de escolhas inadequadas e reforçando o valor da liderança ética e responsável.

O terceiro eixo- A criação de monitores de apoio

Uma estratégia que identifica alunos com dificuldades acadêmicas ou comportamentais e os envolve em atividades que os valorizem. Os monitores de apoio ajudam esses colegas, promovendo um ambiente de cooperação e integração. Segundo Goleman (1995), esse tipo de suporte é fundamental para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, pois fortalece o sentimento de pertencimento e reduz a exclusão.

A Flexibilidade e o Impacto do Método

Para garantir a efetividade do plano, é necessário que a abordagem seja adaptada às realidades locais. Cada escola e turma possuem suas próprias particularidades, e a prática precisa ser ajustada para atender a essas necessidades específicas. Essa flexibilidade permite que o plano seja aplicado em diferentes contextos, respeitando as características de cada grupo.

Além disso, a prática se diferencia pela abordagem humanizada, que prioriza o respeito, o diálogo e as parcerias em vez de focar em punições. Carl Rogers (1967) ressalta que ouvir genuinamente o outro é essencial para construir relações de confiança. Ao aplicar esse princípio, o professor pode identificar as reais necessidades da turma e oferecer intervenções pedagógicas mais assertivas. Essa abordagem contribui para melhorar não apenas o ambiente escolar, mas também o desenvolvimento integral dos alunos, preparando-os para a vida em sociedade.

Por fim, a estratégia demonstra ser uma ferramenta poderosa para a gestão de turmas. Ela promove um ambiente de aprendizado positivo e colaborativo, transformando desafios em oportunidades de crescimento. Combinando diálogo, liderança estudantil e suporte mútuo, a proposta vai além da gestão de indisciplina, preparando os alunos para serem cidadãos responsáveis, críticos e comprometidos com o bem-estar coletivo.

Capítulo 3
Estratégias Práticas de Gestão de Turma

A gestão de turma representa um dos desafios mais complexos no ambiente escolar, exigindo que os professores transcendam a mera transmissão de conteúdos acadêmicos. Ela requer habilidades organizacionais e interpessoais que garantam um ambiente de respeito, cooperação e aprendizagem significativa. As estratégias apresentadas a seguir visam fortalecer a dinâmica escolar, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes e facilitando a convivência no ambiente educacional. Práticas como a criação de regras coletivas, monitorias de apoio e o uso da sala aberta são exemplos que ajudam os professores a alcançar um controle mais eficaz da sala de aula, sem recorrer exclusivamente às punições tradicionais.

1. Criação de Regras Coletivas

O estabelecimento de regras de convivência formuladas com a participação dos alunos fortalece o compromisso com o grupo. Quando os estudantes colaboram na definição das normas, estas deixam de ser vistas como imposições externas e passam a ser percebidas como um acordo coletivo. Tal abordagem fomenta a autonomia e a responsabilidade, resultando em maior adesão às diretrizes estabelecidas. Cabe ao professor atuar como mediador, promovendo reflexões sobre as consequências dos comportamentos individuais no contexto coletivo.

De acordo com Piaget (1976), o envolvimento direto dos estudantes no processo de tomada de decisões contribui para o desenvolvimento moral, uma vez que promove a compreensão das consequências de suas ações. Essa prática também favorece a criação de um ambiente mais justo e cooperativo, onde todos se sentem parte do processo. Utilizar a técnica da sala aberta para discutir e revisar periodicamente essas regras garante que os estudantes se mantenham engajados e comprometidos com o que foi estabelecido.

2. Trabalhar com Lideranças Informais

Identificar e acompanhar as lideranças informais presentes na turma é fundamental para manter a harmonia em sala de aula. Essas lideranças podem exercer influência tanto de forma positiva quanto negativa. O redirecionamento das lideranças negativas para funções construtivas é uma estratégia que requer empatia e observação constante. Professores que conseguem transformar lideranças problemáticas em agentes positivos colaboram para um ambiente mais equilibrado e produtivo. Segundo Lewin (1939), o comportamento de liderança em ambientes escolares pode ser modelado de acordo com as expectativas do grupo. Portanto, cabe ao professor identificar o potencial dessas lideranças e orientá-las para contribuir positivamente com a dinâmica da turma. A sala aberta pode ser utilizada como um espaço de diálogo entre o professor e essas lideranças, permitindo que suas preocupações e sugestões sejam ouvidas e consideradas.

3. Monitorias de Apoio

As monitorias de apoio são uma forma eficaz de integrar alunos que enfrentam dificuldades acadêmicas ou comportamentais. Ao designar monitores para auxiliar seus colegas, o professor incentiva a cooperação e fortalece os vínculos entre os estudantes, criando um sentimento de pertencimento.

Essa prática também facilita a identificação de necessidades específicas na turma, promovendo um ambiente mais inclusivo. Vygotsky (1978) enfatiza que a interação entre pares é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, especialmente quando alunos mais experientes ajudam aqueles que apresentam dificuldades. Essa colaboração não apenas melhora o desempenho acadêmico, mas também promove habilidades sociais, como empatia e cooperação. Reunir os monitores na sala aberta para feedbacks coletivos também potencializa a eficácia dessa estratégia, garantindo que as dificuldades sejam abordadas em conjunto .

4. Práticas Restaurativas

Em vez de recorrer às punições tradicionais, as práticas restaurativas incentivam a resolução de conflitos por meio do diálogo e da reflexão conjunta. Os círculos de diálogo permitem que os envolvidos expressem suas perspectivas, compreendam os impactos de suas ações e cheguem a soluções compartilhadas. Essa abordagem promove empatia, senso de justiça e reparação, fortalecendo as relações interpessoais dentro da turma. De acordo com Zehr (2015), a justiça restaurativa oferece uma alternativa eficaz às punições tradicionais, pois busca reparar danos em vez de simplesmente punir. Essa prática também favorece o fortalecimento dos laços sociais e a prevenção de futuros conflitos. Utilizar a sala aberta para realizar círculos restaurativos cria um espaço seguro para o diálogo, incentivando os estudantes a expressarem suas emoções e a refletirem sobre suas ações.

5. Atividades Colaborativas

Projetos em grupo são fundamentais para estimular a cooperação entre os alunos. Ao trabalhar juntos para atingir um objetivo comum, os estudantes desenvolvem habilidades essenciais como comunicação, resolução de problemas e convivência.

Além de facilitar a aprendizagem, essas atividades reduzem tensões e reforçam os laços entre os participantes, contribuindo para um ambiente mais harmonioso. Goleman (1995) destaca que a colaboração é uma competência socioemocional essencial para a vida em sociedade. Essa abordagem também permite que os alunos aprendam a lidar com diferenças individuais e respeitar a diversidade de opiniões, promovendo um clima de inclusão e respeito mútuo. Realizar essas atividades na sala aberta oferece um ambiente mais flexível e dinâmico, onde os estudantes podem explorar soluções criativas para os desafios propostos.

6. Escuta Ativa

A escuta ativa é uma ferramenta essencial para construir relações de confiança entre professor e alunos. Reuniões regulares, onde os estudantes podem expressar preocupações e sugestões, criam um espaço de diálogo aberto e respeitoso.

Essa prática fortalece os vínculos afetivos na sala de aula e estimula a resolução de conflitos de forma construtiva. Carl Rogers (1967) argumenta que a escuta genuína e empática é fundamental para promover mudanças positivas no comportamento e no ambiente escolar. Professores que praticam a escuta ativa conseguem identificar problemas antes que eles se agravem, criando um ambiente mais seguro e acolhedor. Realizar essas práticas na sala aberta torna o processo ainda mais eficaz, proporcionando um espaço onde os alunos se sentem livres para falar sem medo de repreensão.

7. Flexibilidade e Adaptação ao Contexto

Cada turma possui características únicas, tornando necessário que o professor seja flexível na aplicação das estratégias pedagógicas. Práticas eficazes em um grupo podem não surtir o mesmo efeito em outro. Dessa forma, o docente deve estar atento às particularidades de cada contexto e adaptar suas intervenções para maximizar os resultados.

Segundo Dewey (1938), a educação deve ser contextualizada e adaptada às necessidades específicas dos alunos. Essa adaptação permite que o professor crie experiências significativas de aprendizagem, promovendo maior engajamento e desenvolvimento. A sala aberta facilita essa adaptação, permitindo que os estudantes explorem novas formas de aprender e colaborar.

8. Parceria com Famílias

A integração das famílias à vida escolar dos alunos é uma prática indispensável para compreender comportamentos desafiadores. Muitos problemas manifestados em sala de aula têm origens em questões externas à escola. Manter uma comunicação aberta com os familiares permite uma intervenção mais eficaz e alinhada aos objetivos educativos, criando um ambiente colaborativo entre escola e comunidade. Epstein (2001) ressalta que a parceria entre escola e família é fundamental para o sucesso acadêmico e social dos alunos. Essa relação fortalece os laços de confiança e garante um suporte mais efetivo para os estudantes, tanto dentro quanto fora da escola. A sala aberta pode ser utilizada para encontros regulares com as famílias, criando um ambiente acolhedor e colaborativo para discutir soluções conjuntas. As estratégias apresentadas neste capítulo demonstram que a gestão de turma ultrapassa o controle disciplinar. Ela se baseia na construção de um ambiente onde respeito, cooperação e protagonismo sejam valores centrais. O professor, como mediador e facilitador, desempenha um papel crucial no desenvolvimento das competências socioemocionais dos estudantes, preparando-os para os desafios da vida em sociedade e para o sucesso acadêmico.

Capítulo 4
Resultados e Depoimentos

Após a aplicação das práticas descritas, foi possível observar mudanças significativas no comportamento das turmas consideradas desafiadoras. Os resultados evidenciam que estratégias baseadas no diálogo, corresponsabilidade e valorização das relações humanas são eficazes para transformar o ambiente escolar.

Uma das primeiras mudanças percebidas foi a redução dos conflitos em sala de aula. Os alunos que inicialmente desafiavam a autoridade do professor passaram a apresentar comportamentos mais colaborativos. Isso se deve, em grande parte, à implementação de práticas como a escuta ativa e a criação de regras coletivas, que proporcionaram um espaço onde todos se sentiam ouvidos e respeitados.

Além disso, houve um aumento no engajamento dos estudantes. Quando os alunos se tornam parte ativa na gestão da turma, eles se sentem responsáveis pelo bom andamento das atividades. Essa responsabilidade compartilhada contribui para a criação de um ambiente mais harmonioso e produtivo. Conforme argumenta Libâneo (2004), quando os estudantes percebem que fazem parte do processo, tendem a colaborar de maneira mais efetiva. Outro ponto relevante foi a melhoria das habilidades socioemocionais dos alunos.

A promoção de atividades que incentivam a cooperação, o respeito mútuo e a resolução de conflitos contribuiu para o desenvolvimento dessas competências. Segundo Goleman (1995), essas habilidades são essenciais para a convivência saudável em sociedade e também para o sucesso acadêmico e profissional.

Alguns alunos que anteriormente demonstravam comportamentos desafiadores passaram a relatar mudanças positivas em suas atitudes. Um estudante que, antes, apresentava baixa motivação para participar das atividades escolares, observou que, após sentir que suas opiniões eram valorizadas, passou a se interessar mais pelas tarefas propostas e a colaborar com o grupo.

Da mesma forma, uma aluna que costumava evitar interações em grupo mencionou que, com a implementação das novas práticas, sentiu-se mais acolhida pelos colegas e passou a contribuir de forma mais ativa nas discussões.

Os relatos também indicam que a participação nas reuniões de avaliação coletiva foi fundamental para a transformação do ambiente escolar. Muitos estudantes, começaram a expressar suas opiniões de forma mais segura, sugerindo melhorias e reconhecendo os aspectos positivos do trabalho desenvolvido em sala. Essa dinâmica contribuiu para fortalecer o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade, aspectos fundamentais para a manutenção de um ambiente disciplinado e acolhedor.

Responsáveis por alguns alunos também mencionaram mudanças no comportamento de seus filhos, tanto na escola quanto em casa. Relatos de famílias apontam que estudantes que antes demonstravam atitudes desafiadoras passaram a adotar posturas mais respeitosas e colaborativas. Esse tipo de retorno reforça que as práticas aplicadas em sala de aula podem impactar positivamente outros contextos da vida dos alunos.

Além dos depoimentos indiretos, os resultados foram reforçados pelos indicadores de desempenho das turmas. Houve uma redução significativa no número de ocorrências disciplinares registradas e um aumento na participação dos alunos nas atividades escolares. Essa melhora também se refletiu no rendimento acadêmico, com um maior número de estudantes atingindo as metas estabelecidas no início do ano letivo.

Outro ponto que merece destaque é a percepção dos próprios professores que aplicaram as estratégias. Muitos relataram que, antes da implementação das práticas, sentiam-se desmotivados e sobrecarregados. Após a adoção das novas abordagens, passaram a perceber uma mudança significativa no ambiente escolar, o que impactou diretamente sua satisfação profissional.Conforme afirma Freire (1996), o processo educativo é uma via de mão dupla, em que tanto o professor quanto o aluno aprendem e crescem juntos.

Por fim, os resultados obtidos demonstram que as práticas apresentadas são viáveis e eficazes para transformar o ambiente escolar. Elas não apenas melhoram a disciplina em sala de aula, mas também contribuem para o desenvolvimento integral dos alunos, preparando-os para enfrentar os desafios da vida em sociedade. O sucesso dessas práticas reforça a importância de uma abordagem humanizada e baseada no diálogo para a gestão de turma.

Capítulo 5
Implementando a Sala Aberta: “Passo a Passo”

Antes de mergulhar nos detalhes práticos, é essencial compreender que a preparação do ambiente de aprendizagem envolve mais do que a organização física da sala. Ela exige do professor sensibilidade para criar um espaço emocionalmente acolhedor, que promova respeito, cooperação e inclusão. A prática de celebrar conquistas, personalizar o ambiente com elementos como painéis de progresso e cantinhos de relaxamento, e o engajamento dos alunos nas decisões sobre o espaço contribuem para um ambiente harmonioso.

Preparação do ambiente

A preparação do ambiente de aprendizagem vai muito além da organização física da sala de aula. O professor deve ser um mediador sensível, atento ao clima emocional da turma e capaz de criar um espaço que favoreça o respeito, a cooperação e a inclusão. Estabelecer rituais simples, como a comemoração de aniversários e conquistas acadêmicas, reforça o sentimento de pertencimento e comunidade. Esse tipo de prática aproxima os alunos e fortalece os laços interpessoais, tornando o ambiente mais harmonioso e acolhedor. Personalizar o ambiente também é essencial. Um painel de conquistas, onde cada estudante possa registrar suas realizações, funciona como um lembrete visual do progresso coletivo. Essa prática contribui para o fortalecimento da autoestima e cria um senso de responsabilidade compartilhada. Além disso, a incorporação de espaços de relaxamento, como o "cantinho da calma", permite que os alunos se reequilibrem emocionalmente, promovendo a autorregulação emocional e a concentração. A atitude do professor também é fundamental na criação desse ambiente.

Cumprimentar cada aluno de forma personalizada ao início da aula demonstra que eles são vistos e valorizados. Revisar periodicamente o espaço físico e emocional da sala, envolvendo os alunos nesse processo, reforça o espírito de colaboração e corresponsabilidade.

Identificando os Desafios

Identificar os desafios na gestão de turma exige um olhar que ultrapasse os comportamentos disruptivos. É preciso compreender as causas e motivações por trás dessas ações. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) no seu artigo 4° estabelece que a escola deve ser um ambiente inclusivo e seguro, promovendo a formação cidadã e o respeito à diversidade. Com base nisso, é essencial adotar práticas que identifiquem e combatam as causas de indisciplina. A criação de grupos focais dentro da turma é uma estratégia eficaz para abordar desafios específicos. Esses pequenos encontros permitem que o professor identifique padrões de comportamento que, de outra forma, poderiam passar despercebidos. Além disso, a análise de dados como frequência, notas e ocorrências disciplinares oferece uma visão mais ampla dos problemas enfrentados pela turma, permitindo intervenções mais precisas. Para lidar com lideranças negativas, é fundamental implementar a técnica da Sala Aberta. Esse método consiste em identificar os líderes que influenciam negativamente a turma e, em um primeiro momento, desarticular essa influência por meio de conversas individuais com o aluno, seus pais e a direção da escola. É importante que essas conversas sejam respeitosas e propositivas, buscando entender as motivações do estudante e criar um plano de ação conjunto.

Passo a Passo para Implementar a Sala Aberta

Identificação dos Líderes:
O primeiro passo é identificar quem são os alunos que exercem maior influência sobre os demais, tanto de forma positiva quanto negativa.

Desarticulação da Liderança Negativa:

Realizar conversas individuais com esses alunos, buscando compreender suas motivações. Depois, promover um diálogo com os pais e a direção da escola para criar um plano de ação conjunto.
A partir desse diagnóstico, é possível elaborar uma abordagem mais assertiva e personalizada, promovendo, em seguida, um diálogo com os pais e a direção da escola para criar um plano de ação conjunto.

Organização das Conferências:

Na Sala Aberta, é realizada uma conferência onde cada participante recebe três papéis: "Eu Elogio", "Eu Critico" e "Eu Proponho". Esse momento permite que os alunos expressem suas opiniões de maneira respeitosa e propositiva.

Estabelecimento de Regras Coletivas:

Durante a conferência, os alunos discutem e criam regras para melhorar a dinâmica da turma. Essas regras devem ser revisadas periodicamente. Feedback Contínuo: A Sala Aberta deve ser um processo contínuo, com reuniões regulares para avaliar o progresso e ajustar as regras conforme necessário. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1999) no seu artigo 53 reforça o direito dos estudantes a serem ouvidos e respeitados. A Sala Aberta promove esse direito, criando um espaço onde os alunos podem participar ativamente das decisões que impactam seu ambiente escolar.

Engajando os Alunos

Engajar os alunos exige a criação de experiências que despertem sua curiosidade e entusiasmo.
Incorporar experiências práticas, como experimentos científicos simples ou atividades artísticas, ajuda a aumentar a motivação inicial e facilita o aprendizado.
A participação ativa pode ser estimulada com a formação de comitês dentro da turma. Esses grupos podem ser responsáveis por decorar a sala, organizar eventos ou propor atividades, dando aos alunos um senso de propósito e protagonismo. Outra prática importante para o engajamento é a gamificação.
Criar um sistema de pontos que recompense comportamentos positivos ou a realização de tarefas transforma o dia a dia da sala em um jogo colaborativo. Essa abordagem incentiva uma cultura de cooperação e respeito.
Personalizar as atividades também é fundamental. Oferecer opções de tarefas permite que os alunos escolham como preferem contribuir, respeitando suas preferências e habilidades. Essa prática cria um ambiente inclusivo e motivador.

Estabelecendo Parcerias com a Comunidade Escolar

Fortalecer os laços entre a escola e a comunidade é essencial para o sucesso acadêmico e socioemocional dos alunos. O professor pode propor projetos que envolvam tanto os estudantes quanto suas famílias, como feiras culturais, eventos esportivos ou dias de leitura coletiva. Essas atividades criam oportunidades de união e colaboração em torno de objetivos comuns, promovendo um sentimento de pertencimento e comunidade.

A parceria com especialistas externos também pode enriquecer o trabalho escolar. Psicólogos, terapeutas ocupacionais e educadores especializados oferecem perspectivas que complementam as iniciativas internas. Encontros regulares entre os professores para compartilhar desafios e soluções também ajudam a criar uma rede de apoio, reforçando o trabalho colaborativo. Por fim, a técnica da Sala Aberta mostra-se fundamental para fortalecer as relações na comunidade escolar. A participação ativa dos alunos em conferências que permitem expressar opiniões e fazer propostas cria um ambiente de corresponsabilidade. Para garantir o sucesso da Sala Aberta, é imprescindível contar com o apoio da gestão escolar. Quando a direção apoia essas iniciativas, a escola torna-se um espaço mais seguro e acolhedor, onde os alunos podem desenvolver suas habilidades sociais e acadêmicas de maneira plena.

Capítulo 6
Consolidando Resultados e Sustentando o Método

A implementação de práticas inovadoras em sala de aula enfrenta desafios significativos, muitos dos quais estão além do controle do professor. Neste capítulo, exploramos como lidar com problemas sistêmicos, como a omissão da gestão escolar e a rotatividade de docentes, fatores que frequentemente comprometem os avanços na disciplina e no engajamento dos alunos

.Impacto da Omissão da Gestão Escolar

Um dos maiores obstáculos para consolidar o progresso de métodos disciplinares é a falta de apoio consistente por parte da liderança escolar. Quando a gestão adota uma postura de indiferença ou demora em intervir em situações críticas, o professor se vê sobrecarregado. Essa negligência desmotiva e envia mensagens equivocadas aos alunos, reforçando comportamentos desrespeitosos.

Segundo Libâneo (2004), a gestão democrática e participativa é essencial para criar um ambiente educacional favorável. Contudo, na prática, isso nem sempre ocorre. Durante minha trajetória como professor, enfrentei momentos em que precisei do suporte da gestão escolar para resolver problemas de indisciplina e falta de respeito por parte dos alunos. Em várias ocasiões, percebi omissão por parte dos gestores, o que tornou a tarefa de gerenciar a sala de aula mais desafiadora e, muitas vezes, frustrante.

Quando me tornei gestor escolar, fiz questão de adotar uma postura diferente. Durante um ano e oito meses de gestão, coloquei como prioridade ser um diretor ativo e presente na questão disciplinar. Enquanto outros gestores cuidavam da parte administrativa, meu foco foi oferecer suporte integral aos professores, garantindo que eles tivessem condições de realizar seu trabalho sem ficarem reféns de problemas de indisciplina.

Esse posicionamento mostrou resultados concretos. Projetos como o Sala Aberta, que apresentei aos diretores da época, demonstraram que, quando a gestão assume um papel ativo, é possível transformar o ambiente escolar. Esse projeto interdisciplinar não apenas incentivou a participação dos alunos na gestão da sala de aula, mas também criou uma cultura de respeito e colaboração, onde professores e alunos trabalhavam juntos para alcançar os objetivos educacionais.

Problemas do Sistema de Rotatividade de Professores

Outro grande desafio enfrentado é a rotatividade de docentes. Quando um professor que obteve sucesso na aplicação de práticas disciplinares é substituído, o progresso dos alunos pode ser frustrado. Essa descontinuidade é especialmente prejudicial em turmas desafiadoras, onde a consistência é fundamental para consolidar a disciplina.

Perrenoud (1999) observa que a construção da disciplina e do respeito em sala de aula é um processo longo, que depende da previsibilidade nas interações. Durante minha experiência como educador e gestor, percebi que a troca constante de professores não apenas afeta a disciplina, mas também compromete a relação de confiança construída entre educador e alunos.

Uma solução que propus foi a elaboração de um plano de transição, garantindo que, ao assumir uma nova turma, o professor substituto tivesse acesso a relatórios detalhados sobre as práticas já implementadas e aos avanços alcançados. Essa estratégia evita que o trabalho realizado seja perdido e assegura continuidade no processo educacional.

Propostas para Mitigar os Problemas Sistêmicos

Para enfrentar os desafios mencionados, algumas medidas podem ser implementadas:

- Políticas Institucionais Fortes: Adotar diretrizes claras para intervenções disciplinares e suporte aos professores.
- Formação Continuada: Capacitar gestores e professores para a aplicação de métodos eficazes de disciplina.
- Prioridade à Continuidade: Garantir a permanência de professores com habilidades comprovadas em turmas desafiadoras.
- Sistemas de Avaliação e Feedback: Criar ferramentas para avaliar a eficácia das políticas adotadas e o suporte oferecido pela gestão.
- Envolvimento da Comunidade Escolar: Fortalecer parcerias entre escola, família e comunidade para criar uma rede de apoio robusta.

Fortalecendo a Colaboração para Sustentar os Resultados

A consolidação dos avanços requer colaboração ativa entre todos os atores do processo educacional. Durante minha gestão, percebi que, ao assumir um papel de liderança disciplinar, era possível oferecer suporte real aos professores, permitindo que eles focassem em sua missão principal: educar. A gestão, ao estar presente e ativa, transforma o ambiente escolar, criando um espaço onde o aprendizado e a disciplina prosperam.
Transformar a escola em um espaço de respeito, aprendizado e cooperação não é tarefa fácil, mas, com estratégias claras e parcerias sólidas, é possível alcançar mudanças significativas e duradouras.

Conclusão

A jornada apresentada neste manual demonstra que lidar com a indisciplina em sala de aula é um desafio multifacetado, mas não impossível. Por meio do método proposto, vimos como estratégias baseadas no diálogo, na corresponsabilidade e na valorização das relações humanas podem transformar o ambiente escolar, promovendo um aprendizado mais significativo e colaborativo.

A implementação das práticas descritas exige paciência, reflexão e, principalmente, a disposição de todos os envolvidos no processo educativo. Professores, alunos, gestão escolar e famílias devem caminhar juntos, cada um assumindo sua parcela de responsabilidade para criar um ecossistema onde a disciplina não seja imposta, mas construída de forma coletiva.

Reconhecemos, ao longo dos capítulos, que desafios sistêmicos, como a omissão da gestão escolar e a rotatividade de professores, podem dificultar a consolidação dos avanços. Contudo, com estratégias bem definidas, suporte institucional e persistência, é possível superar essas barreiras e garantir que os resultados obtidos sejam sustentáveis.

A educação é, acima de tudo, um ato de esperança. Como Paulo Freire (1996) enfatiza, é por meio da troca, do diálogo e da transformação contínua que professores e alunos constroem juntos um futuro melhor. Este manual não é uma receita pronta, mas um convite para que você, educador, adapte as ideias aqui apresentadas à sua realidade e continue inovando.

Finalizamos este material com a certeza de que, com dedicação e apoio mútuo, é possível ressignificar a experiência em sala de aula, tornando-a mais acolhedora, produtiva e transformadora. Que este manual seja uma fonte de inspiração e um guia prático para todos que acreditam no poder transformador da educação.

Obrigado por seguir essa jornada conosco. A transformação começa agora! 😊

Referência Bibliográfica

Boechat, I. (2015). Gestão de Sala de Aula: Desafios e Soluções. Rio de Janeiro: Vozes.

BRASIL. Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em: 07 jan. 2025.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n° 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Senado Federal, 1999.

DA SILVA BERNADO, Elisangela. Organização de turmas: uma prática de gestão escolar em busca de uma escola eficaz. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 10, n. 21, p. 154-181, 2013.

DEWEY, John. Experience and Education. New York: Macmillan, 1938.

EPSTEIN, Joyce. School, Family, and Community Partnerships: Preparing Educators and Improving Schools. Boulder: Westview Press, 2001.

FERNANDES, Carolina. O professor e sua ilusão de "domínio": uma análise discursiva da prática pedagógica escolar no ensino de língua portuguesa. Educação, Ciência e Cultura, v. 22, n. 3, p. 77-91, 2017.

Freire, P. (1996). Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra.

Gardner, H. (1983). Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences. New York: Basic Books.

Goleman, D. (1995). Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que Redefine o que é Ser Inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva.

GOMES, Patrícia Bartolomeu. A indisciplina em contexto escolar: perceções e representações de professores. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

LEWIN, Kurt. Field Theory in Social Science: Selected Theoretical Papers. New York: Harper & Row, 1939.

Libâneo, J. C. (2004). Didática. São Paulo: Cortez.

Montessori, M. (1964). The Montessori Method. New York: Schocken Books.

Perrenoud, P. (1999). Ensinar: Agir na Urgência, Decidir na Incerteza. Porto Alegre: Artmed.

PIAGET, Jean. The Moral Judgment of the Child. New York: Free Press, 1976.

Rogers, C. (1967). Liberdade para Aprender. Belo Horizonte: Interlivros.

SILVA, Adriana da. A roda de conversa e sua importância na sala de aula. 2012

.

Tiba, I. (2002). Disciplina: O Limite na Medida Certa. São Paulo: Gente.

Vygotsky, L. S. (1978). Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes. Cambridge: Harvard University Press.

Zehr, H. (2015). The Little Book of Restorative Justice. New York: Good Books.

"A disciplina é indispensável à liberdade, porque sem ela, a liberdade degenera em licenciosidade."
Essa ideia reflete a visão de Freire de que a disciplina, entendida como uma prática consciente e ética, é essencial para a construção de uma liberdade responsável e significativa.

GILBERTO PENHA DE ANDRADE

@professorgilbertoandrade